



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedária—Casa do Galato do Pôrto—Paço de Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628—Pôrto

## DOCTRINA SOCIAL

## UMA CARTA

**E**M os numeros anteriores do nosso periodico, tem apparecido em sitio de destaque, com o nome de «Doutrina Social» o que se disse em tempos nas emissoras do Pôrto. Hoje, aparece com igual nome, o que fizeram os trabalhadores de uma Fábrica de sedas.

Eu recebera recado, não para mandar, mas sim ir pessoalmente àquella Fábrica, por uma quantia de dinheiro que ali estava, com destino à Casa do Gaiato. Fui. Percorri dependências e secções, pela mão de um Senhor que gentilmente me quiz mostrar. Uma vez no escritório, entregaram uma lista com quantias e nomes de todos os operários, que gostosamente se haviam concertado entre si, sobre a melhor forma de auxiliar a obra. A lista diz assim: Fogueiros, Porteiros, e Serventes, muitos nomes, com 55\$00, em bocadinhos, desde 1\$50 a 5\$00. Cerralheiros, com 29\$00, sendo uma esmola de cinco tostões e as outras de pouco mais. Acabamentos, Tinturaria e Limpadeiras, 22\$00 da norma anterior. Desenho e Fotografia, na mesma. Torcedores e Electricistas, um nadinha mais. Tecelagem, ficou algo à quem, mas tudo muito bem composto, com migalhas tiradas ao sustento. Os Empregados e a Firma, subiram a um conto e quê.

A lista de nomes e quantias, tinha sido cuidadosamente feita à máquina—trabalho carinhoso, interessado, a dizer que sim. Em nenhuma dependencia da casa se via o tenebroso—é proibida a entrada. Duzentos operários dos dois sexos abriram alas silenciosamente e deixaram passar um zé ninguém—o embaixador de Cristo!

Isto passou-se na Sociedade Industrial de Raione L.da.

Dias antes, os Empregados da Vacuum, fizeram questão que eu próprio apparecesse e não mandasse, para ver com os meus olhos a brincadeira da caixa de fosforos, receber das mãos deles a lista, onde poetas rimaram, sentir o que lhes vai na alma, pela Casa do Gaiato. Outros nucleos de trabalhadores, por outras palavras e de outras cidades, dizem a mesma coisa que estes disseram. Isto é o que se vê; muito mais o que está

escondido! Quantas lágrimas choradas! Que de generosas resoluções! Muitos que nunca viram, nem tem esperanças de vêr o tal padre, murmuram palavras grandes, queimadas por terem feito pouco, acésos em desejos de fazer mais. Sim; muito mais está escondido.

Porque será que assim se espreita à janela e se manda entrar, a quem antes se fechava a porta?! Oh fôrça do Evangelho! O

mundo tem fome dêle. A humanidade está farta dum sangue, que não é o da Cruz. Querem ver obras. Querem ver Jesus, como naquele tempo, os forasteiros da páscoa. Querem-no vivo, libertado dos discursos, de novo a curar enfermos, pugnar pelos fracos, correr os argentários, pôr o dedo nos fariseus, ir à cata dos pescadores, proclamar a justiça, dizer a verdade. Amar, amar, amar até à renuncia; até à morte.

**S**E não tiverem mudado de casa nem de opinião os senhores mai-las senhoras que o ano passado quizeram escutar êste mesmo apêlo, não é necessário mais nada; temos a Páscoa da "Aldeia" garantida.

## A NOSSA PÁSCOA

Conquanto haja este ano o dobro da população, não se pede nem se espera mais quantidade nem qualidade;—tão eloquentes foram as palavras que o Pôrto nos quiz dizer, naquele dia!

Os Empregados do Espelho da Moda, n.º 54 dos Clérigos, chegaram à noite cansados!

Ele foram pacotes de amendoas, êle ditos de chocolates, êle caixas de brinquedos, ele rigeifas de pão alvo, ele ditos de pão leve, ele garrafas de vinho fino, ele, sobretudo, centenas de ovos tingidos, em pequeninas duzias, dentro de preciosas caixas, alguns artisticamente pintados. Quem ficar mais perto da rua D. João IV, não precisa de subir os Clérigos; no n.º 682 está o Rui, o nosso porteiroito, que toma conta. Este Rui tem mais dois irmãos nas nossas casas, que são hoje casas deles. Vieram de Abrantes. Dormiam pelos palheiros. O irmãosito mais novo, foi encontrado a sugar os peitos da mãe, e esta já cadaver! Ninguém es queria. E' bom que haja no mundo quem aproveite os dejectos! Pois o meu Rui, pelo muito que antes sofreu, bem merece agora os ovos de Páscoa. Vai-lhos dar.

A ultima semana de março é a indicada como sendo o tempo em que os nossos amigos cumpram os seus votos e entreguem no DEPOSITO o que fôr da sua devoção. Nós somos cientes em Paço de Sousa e dez no Pôrto.

**F**OMOS pedir ao Rivoli, para a construção da nossa «Aldeia» em três sessões nas quaes arranjamos mais de 14 contos.

Mandamos pedir as raquetes e as bolas de pingue-pongue, pelo jornal, já as vieram dar, quem foi, foi o «Zé sem mais Nada». Disse-nos êle: olhem rapazes mesmo agora li o jornal de uma ponta à outra, e na vossa crónica encontrei lá êsse pedido e logo fui comprar as raquetes.

Vejam o Zé sem mais Nada, sigem o exemplo

## Crónica da

## Casa do Pôrto

dêle, poucos homens há assim como aquêle.

Chegou-nos um pequeno de Gaia, é a mascote da casa, assim que êle chegou lego no dia seguinte o baptizamos; pusemos-lhe o nome de Pinóquio. Tem 6 anos. Também vieram mais dois de Paço de Sousa.

Padre Américo e Gaiatos de Paço de Sousa:

Aceitai essas duas alianças para o vosso cálice. Foram de dois pecadores, pois eram casados perante a lei, mas não unidos perante Deus. Ele, já faleceu; ela ainda vive. Pedi por êles. Para êle, a paz da alma; e para ela, auxílios para reparar as faltas cometidas.

Peço uma pequenina alusão no próximo número do vosso jornalzinho "O Gaiato" para saber se ELAS teem o destino tão desejado.

São; vão ter o destino que deseja. Não, seguramente que alguém no mundo se possa redimir com oiro, pois que também o não fomos a preço de metal; mas sim, pode reparar a falta cometida com arrependimento, servindo-se, até, da mesma arma, para melhor chorar e fazer chorar os mais! Dizem os mestres da vida espiritual que a pecadora de Magdala desdobrara a trança dos seus cabelos, para esconder lágrimas com que não contava, aos pés do Nazareno.

Elas são, foram sempre a pedra de toque de um regresso feliz. Elas, as que redimem.

Se há alguém na nossa terra que se espante do que esta *Obra da Rua* tem operado nas almas, ninguém mais do que eu. Há muita coisa que eu não revelo; muitas cartas que eu destruo com medo dos mortais.

O cisco das montureiras, visto a travez da luz que «O Gaiato» tem feito, mostra a beleza das gôtas de orvalho, atravessadas pelos raios do sol. Não é poesia. Não são frases enfeitadas. E' maneira de assoprar cinzas, para irromper a chama.

No rádio o Luciano é que manda. Quem tem por aí uma estante que já não precise dela, para nós pormos os nossos livros. Nunca mais vem a máquina de costura e tanta falta faz. Precisamos de roupa para nós, mandem roupas para a Casa do Pôrto, olhem que é na Rua D. João IV 682. Não esquecer. Sábado eu e o Luciano vamos a Paço de Sousa, o Luciano vai jogar pelo nosso grupo. Mais um pedido, arranjem assinaturas.

JÚLIO



## Assinaturas PAGAS

Depois de um balanço rigoroso aos nossos livretes, verificamos com dôr, que uns 400 assinantes andam por lá «ainda». Este «ainda», referindo-se, como aqui se refere, ao tempo, é um adverbio de negação. É uma colaboração às avessas. «Esperamos».

Cônego Albino Figueiredo Miranda de Barcelos, 50\$; Reinaldo Bento Ferreira de Mesão-Frio, 30\$; Joaquim Rodrigues Cardoso de Mesão-Frio, 30\$; José Eduardo Arnaut e Silva de Pavia, 25\$; Dr.ª Aida Aragão de Pavia, 50\$; Alvaro Araújo do Pôrto, 30\$; Laura Ferreira da Silva do Pôrto, 20\$; Acácio da Luz S. bral do Pôrto, 30\$; Madalena Malheiro Dias do Pôrto, 25\$; Eduardo Rêgo Machado do Pôrto, 30\$; Joaquim Martins Barbosa do Pôrto, 50\$; Rui Martins de Sousa Barbosa do Pôrto, 20\$; António Monteiro do Pôrto, 10\$; Ema Augusta de Almeida do Pôrto, 25\$; Maria Isabel do Pôrto, 25\$; Jaime Moreira do Porto, 25\$; José Carvalho do Porto, 20\$; Manuel Alves Cunha do Porto, 500\$00; Augusto Alves da Silva Cunha do Porto, 100\$; Carlos da Silva Cunha do Porto, 100\$; Raúl Custódio da Silva do Porto, 50\$; Beatriz Ferreira do Porto, 25\$; Graziela Gomes Braga do Porto, 25\$; Milio Monteiro do Porto, 50\$; Lídio Félix Dantas e Melo do Porto, 25\$; José Leite de Sousa do Porto, 100\$; Zeferino Pedrosa de Almeida do Porto, 30\$; Rosa de Carvalho Pereira de Lisboa, 40\$; Sofia da Agrella de Lisboa, 20\$; José Gonçalves Chorão de Carvalho de Lisboa, 80\$; Lucília de Castro de Lisboa, 20\$; A. F. Gomes de Lisboa, 40\$00; Alberto da Cunha Rocha Saraiva de Lisboa, 50\$; Noémia Amélia Bastos Gonçalves de Lisboa, 25\$; P.º Martinho Pinto da Rocha de Lisboa, 25\$; Ana Moreira do Candal, 5\$; Maria Luísa de Castro Lopes de Cucujães, 20\$; Abel de Matos Ferreira de Tondela, 100\$; António José Godinho de Évora, 75\$; Dr. Augusto Rêgo de Braga, 25\$; Maria Leonor Figueiredo do Vale de Tábua, 20\$; Dr. José de Sena Esteves de Castelo Branco, 30\$; Maria Antonina Belo de Idanha-a-Nova, 30\$; Maria Manuela Ferreira da Costa de Alcobaça, 30\$; Francisco da Silva Cunha de Aguas Santas, 100\$; José Carlos Guimarães de Leça da Palmeira, 50\$; Fernando Vanzeller Guedes da Foz, 20\$; António Oliveira Pombeiro de Serpa, 20\$; A. Ferreira Fiador de V. N. de Gaia, 25\$; António Pinto de Gondomar, 20\$; Maria do Carmo Emerenciano de Sinfães, 25\$; Eng. Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto do Estoril, 50\$; João Braga de Coimbra, 20\$; Lúcia Ganilho de Coimbra, 30\$; Sebastião da Silva Sarmiento de Coimbra, 20\$; Nanni Gilbert do Porto, 50\$; Lourenço Pereira de Queiroz do Porto, 20\$; Aurora Bessa do Porto, 25\$; Henrique Bogonha do Porto, 24\$; Isabel Maria P. da Cruz do Porto, 25\$; Clotilde Helena Pinto Bastos do Porto (3 meses), 15\$; Maria Burmester do Porto, 50\$; Alvaro Burmester Martins do Porto, 100\$; Maria Emília Duarte Costa do Porto, 50\$; Dr. Alberto Araújo Lima do Porto, 50\$; José Pinheiro da Silva do Porto, 50\$; Porfírio Oliveira do Porto, 50\$; Manuel Dias Bessa Ribas do Porto, 50\$; Maria da Glória Mota Alves do Porto, (1 mês), 5\$; Armando José Pinto Osório do Porto, 60\$; Manuel Torres do Porto, 20\$; José Maria Monteiro do Porto, 30\$; Silvino Sotto Mayor do Porto, 50\$; José Pereira da Silva do Porto, 30\$; Alexandre de Almeida Santos do Porto, 100\$; Maria Eugénia da Fonseca Castel-Branco, Duque Vieira de Castelo Branco, 20\$; Maria Amélia Mexia de Almeida de Móra, 50\$; Marieta Castel-Branco Ramos de Lagoa, 20\$; Gustavo Burmester Martins da Foz, 100\$; Etelvina de Liz e Cunha de Lisboa, 50\$; Luís Francisco Valente de Oliveira de Casaldelo, 20\$; David Bento Ferreira Araújo de Mesão-Frio, 40\$; Dr. José Fontes Borges da Gama de Viseu, 50\$; Carolina Castel-Branco Ramos Mendes de Portimão, 50\$; Rodrigo Lage de Aguas Santas, 100\$; Eduardo Fernandes de Aguas Santas, 50\$; Dr. José Carlos de Miranda do Crivo, 50\$; António Mendes Machado de Limede, 50\$; Maria da Luz de Almeida Neves de Aveiro, 20\$; António Leal (jornal e Pão dos Pobres) de Monchique, 50\$; José Carvalho Correia de Santo Tirso, 30\$; António Regueiras de Santo Tirso, 50\$; Henrique Martins Alves de Melres, 30\$; Adélia da Mota Sardoira de Amarante, 20\$; José Alexandre M. Pereira de Oliveira de Frades, 30\$; António Moreira Campos da Foz, 20\$; Francisco Guimarães do Bombarral, 20\$; José Lucas de Carvalho do Bombarral, 20\$; Dr. Marques dos Santos de Rio Tinto, 40\$; António Monteiro de Sousa Maga-

## CRÔNICA DA NOSSA ALDEIA POR JOSÉ EDUARDO

OS meninos Rui Fernando e João Carlos de Coimbra mandaram para o «Lar de Coimbra» discos para a nossa Grafonola. E, mandam dizer para o Casaldelo não fazer muito barulho ao dançar. Muito obrigado, e quem dera mais porque temos poucos.

III  
A outra galinha que estava a chocar já chocou todos os ovos que puseram no chôco. Quem foi primeiro a dar com o primeiro pinto foi o Chefe da cozinha. O Carlos.

III  
ANDA para aqui uma discussão entre o Ernesto e o Amadeu carpinteiro. O Ernesto queria que o Amadeu lhe fizesse um caixilho para um Santinho muito bonito mas o Amadeu como está doente o pé não o pode fazer e o Ernesto vai para lá ralhar mas isso não lhe vale de nada porque o Amadeu disse que não lhe fazia por êle o andar arrelhar.

III  
JÁ matamos outro porco que nos tinham mandado do Pôrto. Era ainda pequeno teria para aí 5 arrôbas.

III  
DE Lisboa mandaram-nos muitos livros e Mosquitos Magazine. De Coimbra também. Quem dera mais para a nossa biblioteca da Aldeia. Agradecemos muito a quem os mandou.

III  
PODARAM as vides quasi tôdas. Andaram a podar 2 jornaleiros e a amarrar outros 2. O Sérgio também andou. Semeamos também a batata perto das nossas obras. Andaram também a limpar as oliveiras.

III  
CHEGARAM três rapazitos do Albergue; quem as trouxe foi o Júlio.

lhães de Paredes, 20\$; Fernando Serpa Pinto de Monsanto, 2\$; Maria Odília da Silva Maia de Crestuma, 5\$; Maria Elisa Relvas de Lisboa, 20\$; Carolina Maria Leite Ferreira de Castro de Oliveira de Azeméis, 5\$; Maria Dulce Tavares Moreira de O. de Azeméis, 30\$; Assunção Moreira de O. de Azeméis, 30\$; Ascensão Gandra Ferreira dos Santos O. de Azeméis, 30\$; Isolate Augusta Leite de Macieira de Coimbra, 3\$; Dr. Júlio Alves de Pinho de S. João da Madeira, 40\$; Anilde Moreira Lopes de Fonte Arcada, 20\$; Tenente Joaquim Anachoreta Correia de Lourenço Marques, 50\$; Manuel Baptista Canas de Algueirão, 20\$; P.º José Monteiro de Aguiar de S. Miguel de Paredes, 25\$; Aloisio Campos de Paço-de-Sousa, 25\$; Maria Isabel de Lucena Corte-Real de S. João da Madeira, 20\$; Coronel Faria de Abreu de Penafiel, 40\$; Belarmino de Abreu de Ribeiro de Pêna, 20\$; Maria Celestina Martins Rocha Antunes das Caldas da Rainha, 20\$; Manuel Maria Martins da Rocha de Matozinhos, 25\$; Augusta Paramos das Caldas da Rainha, 25\$; Júlia Paramos Montês de Lisboa, 25\$00.

## UMA CARTA AO Zé Ninguém DE LISBOA

Ainda não mandei fazer as imagens de Jesus e de Maria. Se V. Ex.ª não tem particular interesse em oferecer estas duas imagens, eu antes queria que procurasse um Jesus crucificado, de prata, madeira, ôso ou marfim, para aplicar na cruz da banqueta, que se está a fazer em estilo de conjunto. Eu queria sobretudo um Cristo que fale; que diga alguma coisa ao pobre sacerdote quando apresenta a matéria do Sacrifício—êle, que peca tantas vezes! Talvez encontre em casa particular ou antiquários. Diga alguma coisa. Assine sempre, Ninguém. Eu cá também assim me chamo, muito embora o mundo não.

Sabe, meu senhor, desejaria muito falar-lhe da nossa capela. Queria que soubesse que já temos garantida a prata de um cálice; que temos na mão o dinheiro do turbulo e da naveta, objectos antigos; também o preço da custódia, do século XVII. Temos a pixide e alguns paramentos, que o Prelado da Diocese quis oferecer. Temos quasi todo o ouro para o cálice das festas grandes, que vai ser uma reprodução de um do século XII. Falta ainda quem nos venha falar às galhetas, às sacras e à banqueta.

Sim; desejaria falar-lhe da nossa capela, porém, conheço que uma grande parte dos leitores de «O Gaiato», não gosta nada de ouvir esta música.

Eu podia fazer um bocadinho de apologética e dizer-lhes, meu senhor, que jámais Portugal foi tamanho, como no tempo em que os Reis ofereciam cálices de ouro e de prata aos altares das igrejas; que Pio X, por muito refulgir no altar da Confissão de Pedro, nunca deixou de ser quem era, como se viu no dia da sua morte, estendido sobre uma cama de ferro, das que custavam naquele tempo dezoito tostões em prata.

Poderia, sim, botar abaixo prateleiras, consumir argumentos e até, ir buscar o reparo dos fariseus, quando a pecadora desperdiça coisas ricas aos pés de Jesus, que por ser argumento do Evangelho, deveria ser convincente.

Mas reconheço que tudo seria inútil. Não valem argumentos. Compreende-se a relutância dos non-conformistas. E, a própria sombra dêles, que os impede de ver claro. Se um dia chegam a ter luz, são soldados de primeira linha. São os melhores soldados. Dão tudo e querem que todos deem ao Seu Jesus.

Era duma vez um senhor que não acreditava em mistérios. Foi-lhe enviado um Religioso dominicano, com as páginas da Suma Teológica, e êle ficou na mesma. Idêntica sorte teve um jesuíta. Por último, apareceu-lhe um frade menor o qual se lançou por terra, a dizer para si mesmo que, se em vez de franciscano fôsse Francisco de Assis, com certeza aquele senhor importante havia de acreditar e de amar. E o homem converteu-se.

Ande lá, meu senhor. Chama-se. Assine-se. Tenha-se nessa conta: Ninguém. Só pela nossa humildade é que o mundo acredita e ama.

## Peditório no RIVOLI

Foi em os dias 4 e 5 do mês em que estamos. O auditório esteve sempre muito atento e explicou-se muito bem: catorze contos e meio e um anel de brilhantes. A camisola amarela saíu do Trindade e vai agora às costas do Rivoli. Um senhor do Pôrto disse-me há dias, a propósito destes recados que eu costume dar nos cinemas: — *é preciso ter lata!* Não é lata, não senhor; é que eu sinto no meu estômago a fome que as creanças da rua passam.

Houve uma passagem no meu discurso de domingo à noite, em que o povo se levantou em massa, a dar palmas. Foi quando eu disse que já gastei nas obras perto de dois mil contos, sem contar as despesas de vestuário e alimentação dos 40 habitantes da Casa de Miranda, dos 30 de Coimbra, dos 80 da de Paço-de-Sousa e 10 da do Pôrto, os quais habitantes rilham 4 vezes ao dia. Disse mais que distribuíamos, além disto, muito pão e muito vestuário por um número infinito de Pobres; e finalmente declarei, e aqui é que foram as palmas, que nunca foram precisos abaixo-assinados, nem listas pelo correio, nem comissões de senhoras, nem festas de caridade. Eu chamei-lhes *mentirosas* que foi justamente na altura em que o povo delirou, não sabendo eu dizer se foi contra, ou a favor do qualificativo. Nem tão pouco se me dá do significado daquelas palmas, naquela hora. A mentira, mesmo doirada, é sempre mentira; tanto mais pernicioso, quanto mais enganadora. O pior engano é aquele que se faz ao Pobre, por isso mesmo a pior das mentiras, são as festas de caridade, não pela festa em si, mas pelo que ela invoca.

Ainda não sei ao certo do lugar e hora das futuras *charlas*, mas sei que há-de haver mais, onde nos encontraremos, com certeza. Convém muito não irem desprevidos!

## Ele será assim ?!

Vem no «Século» de 23 do passado, que um moço espanhol, a quem o dito jornal chama «Um grande de Espanha», ofereceu um milhão de pesetas, para uma obra de rapazes da rua, conduzida por um sacerdote. O P.º Torres da Silva, deve ter ficado muito contente ao receber o dinheiro, mas a felicidade, essa ficou toda no coração de quem deu. Ainda que não existissem razões mais transcendentes para obras deste teor, esta bastaria: — fazer no mundo homens felizes!

Há oldades onde eu não entro e púlpitos onde eu não subo, por causa de «nós também cá temos as nossas obras». Ainda se mede pela raza velha! Levanta-se a formiga contra o elefante. Queremos medir pela nossa, a generosidade de Deus: «Mea sunt omnia!»

Tenho sempre muita pena, não de mim, mas de quem me manda embora.

São «hominhos» que cuidam que o céu pousa nos montes, por já terem subido!



# Assinaturas PAGAS

Depois de um balanço rigoroso aos nossos livretes, verificamos com dôr, que uns 400 assinantes andam por lá «ainda»! Este «ainda», referindo-se, como aqui se refere, ao tempo, é um adverbio de negação. É uma colaboração às avessas. «Esperamos».

Cónego Albino Figueiredo Miranda de Barcelos, 50\$; Reinaldo Bento Ferreira de Mesão-Frio, 30\$; Joaquim Rodrigues Cardoso de Mesão-Frio, 30\$; José Eduardo Arnaut e Silva de Pavia, 25\$; Dr.ª Aida Aragão de Pavia, 50\$; Alvaro Araújo do Pôrto, 30\$; Laura Ferreira da Silva do Pôrto, 20\$; Acácio da Luz S. Bral do Pôrto, 30\$; Madalena Malheiro Dias do Pôrto, 25\$; Eduardo Rêgo Machado do Pôrto, 30\$; Joaquim Martins Barbosa do Pôrto, 50\$; Rui Martins de Sousa Barbosa do Pôrto, 20\$; António Monteiro do Pôrto, 10\$; Ema Augusta de Almeida do Pôrto, 25\$; Mariá Isabel do Pôrto, 25\$; Jaime Moreira do Porto, 25\$; José Carvalho do Porto, 20\$; Manuel Alves Cunha do Porto, 500\$00; Augusto Alves da Silva Cunha do Porto, 100\$; Carlos da Silva Cunha do Porto, 100\$; Raúl Custódio da Silva do Porto, 50\$; Beatriz Ferreira do Porto, 25\$; Graziela Gomes Braga do Porto, 25\$; Amílho Monteiro do Porto, 50\$; Lídio Félix Dantas e Melo do Porto, 25\$; José Leite de Sousa do Porto, 100\$; Zefarino Pedrosa de Almeida do Porto, 30\$; Rosa de Carvalho Pereira de Lisboa, 40\$; Sofia da Agrella de Lisboa, 20\$; José Gonçalves Chorão de Carvalho de Lisboa, 80\$; Lucília de Castro de Lisboa, 20\$; A. F. Gomes de Lisboa, 40\$00; Alberto da Cunha Rocha Saraiva de Lisboa, 50\$; Noémia Amélia Bastos Gonçalves de Lisboa, 25\$; P.º Martinho Pinto da Rocha de Lisboa, 25\$; Ana Moreira do Candal, 5 \$; Maria Luísa de Castro Lopes de Cucujães, 20\$; Abel de Matos Ferreira de Tondela, 100\$; António José Godinho de Évora, 75\$; Dr. Augusto Rêgo de Braga, 25\$; Maria Leonor Figueiredo do Vale de Tábua, 20\$; Dr. José de Sena Esteves de Castelo Branco, 30\$; Maria Antonina Belo de Idanha-a-Nova, 30\$; Maria Manuela Ferreira da Costa de Alcobaça, 30\$; Francisco da Silva Cunha de Aguas Santas, 100\$; José Carlos Guimarães de Leça da Palmeira 50\$; Fernando Vanzeller Guedes da Foz, 20\$; António Oliveira Pombeiro de Serpa, 20\$; A Ferreira Fiandor de V. N. de Gaia, 25\$; António Pinto de Gondomar, 20\$; Maria do Carmo Emerenciano de Sinfaes, 25\$; Eng. Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto do Estoril 50\$; João Braga de Coimbra, 20\$; Lúcia Gamilho de Coimbra, 30\$; Sebastião da Silva Sarmento de Coimbra, 20\$; Nanni Gilbert do Porto 50\$; Lourenço Pereira de Queiroz do Porto 20\$; Aurora Bessa do Porto, 25\$; Henrique Bogonha do Porto, 24\$; Isabel Maria P. da Cruz do Porto, 25\$; Clotilde Helena Pinto Bastos do Porto (3 meses), 15\$; Maria Burmester do Porto, 50\$; Alvaro Burmester Martins do Porto, 100\$; Maria Emília Duarte Costa do Porto 50\$; Dr. Alberto Araújo Lima do Porto, 50\$; José Pinheiro da Silva do Porto, 50\$; Porfírio Oliveira do Porto, 50\$; Manuel Dias Bessa Ribas do Porto, 50\$; Maria da Glória Mota Alves do Porto, (1 mês), 5\$; Armando José Pinto Osório do Porto, 60\$; Manuel Torres do Porto, 20\$; José Maria Monteiro do Porto 30\$; Silvino Sotto Mayor do Porto, 50\$; José Pereira da Silva do Porto, 30\$; Alexandre de Almeida Santos do Porto 100\$; Maria Eugénia da Fonseca Castel-Branco, Duque Vieira de Castelo Branco, 20\$; Maria Amélia Mexia de Almeida de Móra, 50\$; Marieta Castel-Branco Ramos de Lagoa, 20\$; Gustavo Burmester Martins da Foz 100\$; Etevína de Liz e Cunha de Lisboa 50\$; Luís Francisco Valente de Oliveira de Casaldelo, 20\$; David Bento Ferreira Araújo de Mesão-Frio, 40\$; Dr. José Borges da Gama de Viseu, 50\$; Carolina Castel-Branco Ramos Mendes de Portimão 50\$; Rodrigo Lage de Aguas Santas, 100\$; Eduardo Fernandes de Aguas Santas, 50\$; Dr. José Carlos de Miranda do L.êrvo, 50\$; António Mendes Machado de Limede, 50\$; Maria da Luz de Almeida Neves de Aveiro, 20\$; António Leal (jornal e Pão dos Pobres) de Monchique, 50\$; José Carvalho Correia de Santo Tirso, 30\$; António Regueiras de Santo Tirso, 50\$; Henrique Martins Alves de Melres, 30\$; Adélia da Mota Sardoceira de Amarante, 20\$; José Alexandre M. Pereira de Oliveira de Frades, 30\$; António Moreira Campos da Foz, 20\$; Francisco Guimarães do Bombarral, 20\$; José Lucas de Carvalho do Bombarral, 20\$; Dr. Marques dos Santos de Rio Tinto, 40\$; António Monteiro de Sousa Maga-

# CRÓNICA



DA NOSSA

## ALDEIA POR JOSÉ EDUARDO

OS meninos Rui Fernando e João Carlos de Coimbra mandaram para o «Lar de Coimbra» discos para a nossa Grafonola. E, mandam dizer para o Casaldelo não fazer muito barulho ao dançar. Muito obrigado, e quem dera mais porque temos poucos.

III

Outra galinha que estava a chocar já chocou todos os ovos que puseram no chôco. Quem foi primeiro a dar com o primeiro pinto foi o Chefe da cozinha. O Carlos.

III

ANDA para aqui uma discussão entre o Ernesto e o Amadeu carpinteiro. O Ernesto queria que o Amadeu lhe fizesse um caixilho para um Santinho muito bonito mas o Amadeu como está doente o pé não o pode fazer e o Ernesto vai para lá ralhar mas isso não lhe vale de nada porque o Amadeu disse que não lhe fazia por ele o andar arrelhar.

III

JÁ matamos outro porco que nos tinham mandado do Pôrto. Era ainda pequeno teria para aí 5 arrôbas.

III

DE Lisboa mandaram-nos muitos livros e Mosquitos Magazine. De Coimbra também. Quem dera mais para a nossa biblioteca da Aldeia. Agradecemos muito a quem os mandou.

III

PODARAM as vides quasi tôdas. Andaram a podar 2 jornaleiros e a amarrar outros 2. O Sérgio também andou. Semeamos também a batata perto das nossas obras. Andaram também a limpar as oliveiras.

III

CHEGARAM três rapazitos do Albergue; quem as trouxe foi o Júlio.

lhães de Paredes, 20\$; Fernando Serpa Pinto de Monsanto, 2 \$; Maria Odília da Silva Maia de Crestuma, 5 \$; Maria Elisa Relvas de Lisboa, 20\$; Carolina Maria Leite Ferreira de Castro de Oliveira de Azeméis, 5 \$; Maria Dulce Tavares Moreira de O. de Azeméis, 30\$; Assunção Moreira de O. de Azeméis, 30\$; Ascensão Gandra Ferreira dos Santos O. de Azeméis, 30\$; Isolate Augusta Leite de Macieira de Cambra, 3 \$; Dr. Júlio Alves de Pinho de S. João da Madeira, 40\$; Anilde Moreira Lopes de Fonte Arcada, 20\$; Tenente Joaquim Anachoreta Correia de Lourenço Marques, 50\$; Manuel Baptista Canas de Algueirão, 20\$; P.º José Monteiro de Aguiar de S. Miguel de Paredes, 25\$; Aloisio Campos de Paço-de-Sousa, 25\$; Maria Isabel de Lucena Corte-Real de S. João da Madeira, 20\$; Coronel Faria de Abreu de Penafiel, 40\$; Bslarmino de Abreu de Ribeiro de Pena, 20\$; Maria Celestina Martins Rocha Antunes das Caldas da Rainha, 20\$; Manuel Maria Martins da Rocha de Matozinhos, 25\$; Augusta Paramos das Caldas da Rainha, 25\$; Júlia Paramos Montês de Lisboa, 25\$00.

# UMA CARTA AO Zé Ninguém DE LISBOA

Ainda não mandei fazer as imagens de Jesus e de Maria. Se V. Ex.ª não tem particular interesse em oferecer estas duas imagens, eu antes queria que procurasse um Jesus crucificado, de prata, madeira, ôsso ou marfim, para aplicar na cruz da banqueta, que se está a fazer em estilo de conjunto. Eu queria sobretudo um Cristo que fale; que diga alguma coisa ao pobre sacerdote quando apresenta a matéria do Sacrifício—êle, que peca tantas vezes! Talvez encontre em casa particular ou anti-quários. Diga alguma coisa. Assine sempre, Ninguém. Eu cá também assim me chamo, muito embora o mundo não.

Sabe, meu senhor, desejaría muito falar-lhe da nossa capela. Queria que soubesse que já temos garantida a prata de um cálice; que temos na mão o dinheiro do turbulo e da naveta, objectos antigos; também o preço da custódia, do século XVII. Temos a pixide e alguns paramentos, que o Prelado da Diocese quis oferecer. Temos quasi todo o ouro para o cálice das festas grandes, que vai ser uma reprodução de um do século XII. Falta ainda quem nos venha falar às galhetas, às sacras e à banqueta.

Sim; desejaría falar-lhe da nossa capela, porém, conheço que uma grande parte dos leitores de «O Gaiato», não gosta nada de ouvir esta música.

Eu podia fazer um bocadinho de apologética e dizer-lhes, meu senhor, que jámais Portugal foi tamanho, como no tempo em que os Reis ofereciam cálices de ouro e de prata aos altares das igrejas; que Pio X, por muito refulgir no altar da Confissão de Pedro, nunca deixou de ser quem era, como se viu no dia da sua morte, estendido sobre uma cama de ferro, das que custavam naquele tempo dezoito tostões em prata.

Poderia, sim, botar abaixo prateleiras, consumir argumentos e até, ir buscar o reparo dos fariseus, quando a pecadora desperdiça coisas ricas aos pés de Jesus, que por ser argumento do Evangelho, deveria ser convincente.

Mas reconheço que tudo seria inútil. Não valem argumentos. Compreende-se a relutância dos non-conformistas. E, a própria sombra dêles, que os impede de ver claro. Se um dia chegam a ter luz, são soldados de primeira linha. São os melhores soldados. Dão tudo e querem que todos deem ao Seu Jesus.

Era duma vez um senhor que não acreditava em mistérios. Foi-lhe enviado um Religioso dominicano, com as páginas da Suma Teológica, e êle ficou na mesma. Idêntica sorte teve um jesuíta. Por último, apareceu-lhe um frade menor o qual se lançou por terra, a dizer para si mesmo que, se em vez de franciscano fôsse Francisco de Assis, com certeza aquele senhor importante havia de acreditar e de amar. E o homem converteu-se.

Ande lá, meu senhor. Chama-se. Assine-se. Tenha-se nessa conta: Ninguém. Só pela nossa humildade é que o mundo acredita e ama.

# Peditório no RIVOLI

Foi em os dias 4 e 5 do mês em que estamos. O auditório esteve sempre muito atento e explicou-se muito bem: catorze contos e meio e um anel de brilhantes. A camisola amarela safu do Trindade e vai agora às costas do Rivoli. Um senhor do Pôrto disse-me há dias, a propósito dêstes recados que eu costume dar nos cinemas: — é preciso ter lata! Não é lata, não senhor; é que eu sinto no meu estômago a fome que as creanças da rua passam.

Houve uma passagem no meu discurso de domingo à noite, em que o povo se levantou em massa, a dar palmas. Foi quando eu disse que já gastei nas obras perto de dois mil contos, sem contar as despesas de vestuário e alimentação dos 40 habitantes da Casa de Miranda, dos 30 de Coimbra, dos 80 da de Paço-de-Sousa e 10 da do Pôrto, os quais habitantes rilham 4 vezes ao dia. Disse mais que distribuíamos, além disto, muito pão e muito vestuário por um número infinito de Pobres; e finalmente declarei, e aqui é que foram as palmas, que nunca foram precisos abaixo-assinados, nem listas pelo correio, nem comissões de senhoras, nem festas de caridade. Eu chamei-lhes mentirosas que foi justamente na altura em que o povo delirou, não sabendo eu dizer se foi contra, ou a favor do qualificativo. Nem tão pouco se me dá do significado daquelas palmas, naquela hora. A mentira, mesmo doirada, é sempre mentira; tanto mais perniciososa, quanto mais enganadora. O pior engano é aquele que se faz ao Pobre, por isso mesmo a pior das mentiras, são as festas de caridade, não pela festa em si, mas pelo que ela invoca.

Ainda não sei ao certo do lugar e hora das futuras charlas, mas sei que há-de haver mais, onde nos encontraremos, com certeza. Convém muito não irem desprevidos!

## Ele será assim?!

Vem no «Século» de 23 do passado, que um môço espanhol, a quem o dito jornal chama «Um grande de Espanha», ofereceu um milhão de pesêtas, para uma obra de rapazes da rua, conduzida por um sacerdote. O P.º Torres da Silva, deve ter ficado muito contente ao receber o dinheiro, mas a felicidade, essa ficou toda no coração de quem deu. Ainda que não existissem razões mais transcendentes para obras dêste teor, esta bastaria: — fazer no mundo homens felizes!

Há cidades onde eu não entro e púlpitos onde eu não subo, por causa de «nós também cá temos as nossas obras». Ainda se mede pela raza velha! Levanta-se a formiga contra o elefante. Queremos medir pela nossa, a generosidade de Deus: «Mea sunt omnia»!

Tenho sempre muita pena, não de mim, mas de quem me manda embora.

São «hominhos» que cuidam que o céu pousa nos montes, por jámalá terem subido!



# Do que nós necessitamos

Mais de Foscôa uma pancada de moedas de prata, de quem antes dera objectos de ouro, para a *baixela* do nosso altar. Mais de Espo-sende roupa de linho preciosa, de alguém: que não suja as mãos quando dá. Mais 100\$00, em acção de graças por ter abortado uma vingança monstruosa! Esta oferta, é uma formidável consagração da Obra da Rua.

Razão de sobejo tinha um sacerdote que ultimamente nos veio visitar, o qual, depois de vêr e de perguntar, exclamou: *Deus protege esta obra descaradamente*. Descaradamente! Eu guardei o advérbio no coração. Mais uma aliança de ouro de Viana do Castelo. Mais 25\$00 dos Empregados da Secção de Venda de Fósforos de Lisboa. Mais 50\$00 do Pessoal do Escritório da Vacuum do Pôrto. Todos os meses é assim. Cada um desconta a sua migalha na hora em que recebe o ordenado. Quem me dera que todos ganhem o suficiente! Tenho para mim que há-de ser uma hora triste e comungo nessa tristeza, quando alguém recebe um salário que não dá para comer!

Já se falou aqui na história de uma caixa de fosforos, que alguém deixou por esquecimento em uma dependência do escritório. A dita caixa foi cantada em verso. Cada um botou seu mote e no final, foi-se a ver e havia um conto e quê.

Oiçam alguns deles:

*Esta história da Caixinha, Com versalhada à mistura, Lembra-me uma ladainha Cantada por certo Cura!*

*A cinza, quando esmorece o fogo que lhe deu vida, parece adormecida em leve lençol de seda: Tam leve que se desfaz, mal se toca... Todavia, logo se faz labarêda,*

*logo ergue às alturas, em nervuras de alegria, se um ligeiro sópro a aviva, arrancando-a do brazeiro em que o rescaldo a captiva!...*

Mais 20\$00 de um visitante. Mais coisas doces e jogos e roupas e 170\$00 de uma visitante, senhora que muito ama a Casa do Gaiato. Mais 100\$00 de Lisboa. Mais 100\$ de Oliveira de Azemeis, por uma intenção particular, mais 500\$00 de Alvaro, mais 3.000\$00 de Anadia e mais nada.

## Do que vai ter à

### ● Casa do Pôrto

Mais 40\$00, mais 10\$00 dum estudante, mais, também de um estudante, azeite e mel. Mais umas calças de ganga e 2\$50 nos bolsos. Mais uma caixa com sementes e 50\$00 lá dentro. Mais 6 camisas novas. Mais uma caixa de coisas e uns versos feitos ao "Tiroliro". Mais um pacote de figos. Mais uma caixa de sabão. Mais quatro dúzias de guardanapos — e mais nada.

## Carta ao Director

João Maria! Aqui te mando esta crítica, ou, para melhor dizer, a história da minha vida antes da grande «Casa do Ardina» ser fundada. Começa assim:

«Eu já vivi bem e já fui estimado por muita gente quando o meu paizinho era vivo, e vivia com muita alegria.

Mas um dia a negra escuridão da cruel sorte me bateu à porta, dando-me a triste notícia do falecimento do meu pai. Dêsse instante para cá comecei a minha negra vida. Eu e o meu irmão mais velho saímos da escola para começarmos nova vida. Arranjamos trabalho para ajudar a criar os meus irmãos mais novos. Mas o meu irmão, mais forte do que eu, sempre seguiu o trabalho até hoje, e eu, mais fraco, mandaram-me embora por eu não poder com o trabalho e então comecei por procurar outra vida para ajudar a minha mãe e os meus irmãos. Tinha então 16 anos de idade. Comecei por vender limões. Já andava havia uns 11, para 12 meses na venda de limões, quando um dia um rapaz chamado Agostinho me disse: Dás-te bem com a venda dos limões? — Pouco, ou nada bem... E ele me disse: querias vir para venda dos jornais comigo?

Eu disse que sim e então fiz-me ardina, até que vim para esta «Casa». E' esta a minha história!

Alberto Ferreira Martins-19 anos. (hoje jardineiro da C. M. L.)

## Versos do Ardina

Ao romper da madrugada, Sem queixumes e sem ais, Vai correndo na calçada Um vendedor de jornais.

Sua vida é muito rude, Coitado do vendedor! Mas tem que ganhar a vida A' custa do seu suor.

São amigos uns dos outros, P'ra isso teem razão, Pois cavam com a mesma enxada P'ra ganharem o seu pão!

Aparício Martins-14 anos.

## Um Passeio

Eu fui dar um passeio à Cruz Quebrada—eu e mais três amigos ardinas de fora, e depois pelo caminho começamos a falar uns para os outros do football, e como um

# O ARDINA

Suplemento do «Gaiato», feito por ardinas, para os ardinas, gaiatos e... e grandes! Na «Casa do Ardina» — Calçada da Glória, 39 — LISBOA

era «Bemfica» e outros «Sporting» aquilo deu em pancada e eu então disse: «ou vocês vão sossegados ou eu vou-me embora». Então os outros meus três amigos disseram: «Não te zangues porque eu faço já as pazes com o Manel». E nós seguimos o passeio... Lá brincamos todos muito bem e depois à noite regressamos todos amigos, mesmo os que jogaram à pancada e assim é que deve ser pois é feio estar de mal com os nossos companheiros, não é?

Serafim Gomes-14 anos

## Um inquérito:

Preguntamos: «que queres ser quando fôres homem»? Responderam-nos:

«Eu quando fôr homem quero ser serralheiro mecânico e quero ser muito bom, amar a Deus sobre todas as coisas e quero ser muito bom para ir para o céu.

Também quero ser muito bom para auxiliar a «Casa do Ardina» entre os meus colegas.

Eu também quero ser um rapaz bom para a J. O. C. e também não só para a J. O. C., como para os meus irmãos e para a minha mãe e também para toda a gente».

Adelino Santos Marques - 15 anos

«Eu quero ser bom, para um dia ser um homem de bem. Eu também quero ser um homem fixe para ajudar a «Casa do Ardina».

Também quero ser um homem justo e ter a palavra de honra e ser bom para Deus, para os meus irmãos e a minha mãe.

E também quero ser um marceneiro. E também quero ser bom para os meus irmãos».

Ilídio da Luz Jorge-16 anos. (hoje aprendiz de marceneiro numa oficina)

«O que eu quero ser quando fôr grande? Gostava de ser serralheiro mecânico.

Quero amar a Deus. ser muito bom, nunca bater nos outros e não

fazer nenhum mal a ninguém, amar os meus pais e quero ser um homem como o meu pai.

E quando fôr para a tropa quero ser um soldado leal, valente. Se fôr para fora, tenho que lavar a roupa»...

José Carlos de Jesus-10 anos

## Recomendações e Avisos Aos ardinas Jócistas:

Na hora que passa estamos certos que a rapaziada há-de ver assegurado o pão de cada dia e o pão do Espírito na vida aventureira de amanhã.

Já para isso se fundou a nossa «Casa do Ardina» e também a nossa Juventude Católica.

Se bem que notarmos a J. O. C. é um dos trabalhos a que o ardina se deve esforçar mais para poder ter assegurado o futuro.

Bem-hajas, tu, ardina jócista, que conquistas rapazes para Cristo e que combates velozmente o inimigo da Igreja ou o inimigo de todos os santos, por isso, ardina, ávante, ávante, sem fim!»...

O secretário: João Pereira-13 anos (hoje empregado na «Sociedade de Propaganda do Livro»)

Aos «Onze unidos»! Cuidado jogadores, pois o jogo de ontem foi mal jogado, mas eles vêm cá e, então, a nossa derrota vai converter-se em vitória e o que é preciso é ter jogo! Cuidado com a canela, pois há lá um que é muito «caneleiro»: cuidadinho com ele!

Rapazes! Façam treinos! Estejam preparados para o que der e vier!...

António Leonardo - 15 anos (conhecido por «José Grande»)

## Concluindo...

Não podemos deixar de te fazer notar o sentido altamente social do que acabas de lêr.

São lições e... consolações! O ardina fala na família, preocupa-se com a família. E' o ponto-

-base, a alavanca, assim podemos dizer da «Obra do Ardina», tal como a sonhamos e vamos realizando, graças a Deus!

As «Casas do Ardina» não afastam o ardina da família, não o põem em regímen de internato, fazem guerra aos... dormitórios, porque educam e amparam o ardina em tão grandes perigos de vadiagem enquanto na venda de jornais, prendendo-o cada vez mais à família, e preparando-o para profissões estaveis. Já tem alguns colocados, espera colocar outros.

O ardina não só melhora, comece a sua própria família.

Há dias o pai do Armando Rocha—10 anos—dizia da sua cama de dôr, onde está há meses: «Ai, o meu filho nem parece o mesmo desde que está lá na Casa! Mais delicado, mais obediente. Quem o via e quem o vê!... Fez-se apenas ver as responsabilidades de irmão mais velho dum grupinho de cinco irmãos... A mãe trabalha a dias e o Armando ajuda-a a sustentar o pai doente e os irmãos!»...

Vidas pequeninas... já heroicas, a prometerem muito para o futuro!...

Agora um pedido: Não exponham os ardinas a tentações de dinheiro. Se temos alguns a quem confiamos contos de reis, graças a Deus, outros, entrados há pouco, ou mais fracos ainda de carácter, seriam capazes de cair em falta.

Tudo o que lhes deres a mais na rua pelo «Gaiato» é para eles que não querem cobrar percentagem na venda.

Eles teem ordem de não pedirem e se alguma vez pedirem puxalhes uma orelha e prega-lhes um sermão. Os bons conselhos e admoestações nunca são demais se veem na altura própria.

Sê educador do ardina na rua, como nós cá em «Casa»: muito carinho, muita amizade, mas nada de pieguices e fraquezas!...

Fala com ele, promete-lhe vir à «Casa». Aceita o convite deles e o nosso...

No dia 25 de Março faz dois anos esta «Casa». Está a porta aberta à tua generosidade com ela e com a sua irmã mais novinha que deve ser-te apresentada brevemente...

Precisamos tanta coisa!... Tanto dinheiro!... Cá esperamos... Tudo!

Maria Luísa.

## Crónica Desportiva

Mais uma vez jogamos em nosso campo com um grupo de Cête.

A nossa linha foi: Pepe, Sérgio e Oscar, José, Luciano, Lisboa e Amadeu II.

A nossa linha tanto no ataque como na defesa portou-se regularmente, podia ser melhor resultado mas muitas vezes falhava o remate. Jogamos sem o Amadeu I, mas não importou, temos o Pepe que teve uma bôa tarde. Foi o substituto do Amadeu I, defendeu bem.

Fômos os primeiros a marcar por intermédio do José, que recebeu um lindo-passe do Lisboa, que rematou fazendo o primeiro tento.

Depois elevou-se o marcador por lindos passes do Lisboa, chegando à primeira parte com o resultado de 4-1. O Pepe teve infelicidade numa defesa rasteira que causou o tento dos de Cête.

Começou a 2.ª parte. Logo começamos a dominar, e daí a poucos momentos, o José centra uma bola, que vem ter aos pés de Amadeu; como o Kieper dos de Cête, se ia lançar aos pés de José, Amadeu

## Venda do jornal

Assim como das mais vezes, também desia os nossos rapazes cumpriram.

O Avósinha não torna. Foi vender para as Antas, com recado de estar em casa às 2 horas da tarde e chegou às 3 sómente. Disse que se perdera no caminho. Talvez assim tenha sido; ãle é um dos nossos mais pequeninos. Mas por isso mesmo, enquanto não crescer para atinar, não vai. Temos cá um garoto muito esperto que morre por ir vender, e faz tudo para merecer

corre, a bola bate-lhe nos pés e foi goal. Depois o Lisboa meteu mais dois e o Oscar meteu apenas um.

Os de Cête jogaram pouco, muitas vezes teve o goal à vista mas não souberam aproveitar. E chegamos ao fim a ganhar 8-1.

Na nossa linha salientaram-se, Lisboa pela bôa colocação, Sérgio pelas suas bôas atitudes na defesa, Pepe pelo seu bom trabalho na baliza, e Luciano teve algumas avançadas bôas mas a sorte não o ajudou. Os outros tiveram trabalho irregular.

Júlio

essa dita. Veio do Barrêdo, filho não sei de quem, nem ãle sabe. Quando se apróxima o dia, começa ãle a gemer:

—Deixe-me ir.

—Oh rapaz, tu és muito pequenino.

—Ande, que eu tenho lá muito conhecimento!

Todos gostaríamos de ir comer fora, mas não pode ser; temos casa nossa. O Luciano, ainda fez duas arremetidas para ir almoçar a casa do Zé sem mais nada, mas eu disse que não. Olha diz ao Zé sem mais nada que venha ele almoçar mais nós. Estamos à espera.

Muito excepcionalmente foram os dois irmãos Elvas a casa do Senhor das Botas, por causa do fato do Júlio. O Amadeu é sempre o das grandes sensações: Comemos tripas! Depois, ficou muito tempo a explicar o que aquilo era e que nunca tinha visto, nem ouvido falar, nem jamais comera tal coisa.

Os que foram à vila de Paredes, deram boa conta. Disse o Zé Eduardo que um senhor o metera num automóvel e foram ambos pelas portas vender O Gaiato. Bem haja, meu senhor. Quem meu filho ama, minha bôca adoça.

ANO II  
28  
Redacção,  
sistênci  
em alg  
mais de  
desapri  
aqui, c  
no livro  
benem  
«Lev  
minha v  
lamento  
e tan  
sabend  
existen  
recer  
preend  
tudo os  
teresse  
(a) A  
Prec  
seman  
cartas  
Gaiato  
Pôrto.  
tes, ne  
última,  
à Sé, e  
E,  
lar  
lev  
gat  
bag  
com  
que  
do  
não  
doi  
car  
em  
E, já  
do Pôr  
Ha  
des  
de  
che  
Mar  
pos  
lhc  
mor  
dev  
Jul  
ten  
nov  
raj  
ne  
tod  
tar  
pel  
mai